

Reflexões didáticas sobre ensinar e aprender a língua escrita: o olhar histórico-crítico na obra de Bruna Carvalho

Didactic reflections on teaching and learning the written language: the historical-critical view in the work of Bruna Carvalho

Karine Madalena Martins

Maria Sirlene Pereira Schlickmann

Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul)
Tubarão/SC-Brasil

Resumo

O texto apresenta uma resenha do livro *Ensinar e Aprender a Língua Escrita: reflexões didáticas à luz do enfoque histórico-crítico*, de Bruna de Carvalho, que propõe reflexões sobre o processo de alfabetização à luz da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural. A autora analisa aspectos do desenvolvimento psíquico da criança, a importância da consciência fonológica e da oralidade, e destaca a centralidade da palavra com significado no processo alfabetizador. Ao longo da obra, propõe encaminhamentos didáticos fundamentados teoricamente, voltados para o 1º ano do ensino fundamental. A obra se destaca por sua contribuição, tanto para pesquisadores quanto para professores que enfrentam a insegurança sobre como alfabetizar de forma crítica e consciente.

Palavras-chave: linguagem escrita; pedagogia histórico-crítica; alfabetização.

Abstract

The text presents a review of the book *Teaching and Learning Written Language: didactic reflections in the light of the historical-critical approach*, by Bruna de Carvalho, which proposes reflections on the literacy process in the light of Historical-Critical Pedagogy and Historical-Cultural Psychology. The author analyzes aspects of the child's psychological development, the importance of phonological awareness and orality, and highlights the centrality of meaningful words in the literacy process. Throughout the book, she proposes theoretically based teaching guidelines for the first year of elementary school. The book stands out for its contribution to both researchers and teachers who are unsure of how to teach literacy in a critical and conscious way.

Keywords: written language; historical-critical pedagogy; literacy.

O campo da alfabetização vem sendo marcado constantemente por inúmeras discussões que envolvem o debate acerca dos métodos, práticas alfabetizadoras e dos caminhos possíveis para superar, no Brasil, o histórico e temido fracasso escolar. Entre as pedagogias que permeiam esse arremedo de questões, destaca-se a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), elaborada por Dermeval Saviani (1983; 1991), que defende a escola como lugar do conhecimento científico e da apropriação da cultura, do conhecimento historicamente construído pela humanidade.

Dessa forma, é imprescindível que se discuta as bases desses pressupostos teórico-metodológicos para que os alunos possam apropriar-se desses conhecimentos. A língua escrita, por ser a forma de registro humano mais elevada, é a principal base. Mas como essa apropriação pode ocorrer na escola, em consonância com os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica?

A autora Bruna de Carvalho, pedagoga com experiência na docência em turmas de primeiro ano e na coordenação dos anos iniciais, por meio do seu livro *Ensinar e Aprender a Língua Escrita: reflexões didáticas à luz do enfoque histórico crítico*, publicado pela editora CRV em 2024, busca contribuir para essas questões. O livro é fruto de sua tese de doutorado em Educação, defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), no ano de 2019, orientada pela Profa. Dra. Lígia Márcia Martins. Com uma linguagem objetiva, a autora se propõe a clarear questões intrínsecas ao campo da alfabetização.

Na introdução, a autora apresenta algumas reflexões, realizando um contraponto entre a escola nova e a escola tradicional, com base nas concepções vigotskianas e lurianas. Mostra ressalvas ao movimento escolanovista – e mais tarde ao construtivismo – e defende certos aspectos da pedagogia tradicional, como a valorização dos conteúdos, aspecto também essencial na Pedagogia Histórico-Crítica, embora com diferenças significativas em relação ao que é posto na educação tradicional. A autora ainda argumenta que, no campo da alfabetização, a questão central não está nos métodos sintéticos ou analíticos, mas sim na necessidade de repensar os conteúdos clássicos da alfabetização. Ela distingue, com base na Pedagogia Histórico-Crítica, o "clássico" do "tradicional": o tradicional, muitas vezes, é arcaico e ultrapassado, enquanto o clássico seria aquilo que resistiu ao tempo e continua válido, mesmo fora do contexto em que foi originalmente formulado.

A autora compartilha, ainda na introdução, algumas fragilidades vividas enquanto pedagoga, especialmente ao ingressar na sala de aula sem sentir segurança, de fato, para alfabetizar. E não apenas alfabetizar por meio do código, mas garantir que as crianças soubessem ler, escrever, interpretar e transformar suas realidades, apropriando-se daquilo que a humanidade construiu. Diante disso, Carvalho (2024) faz um questionamento que acompanha muitos educadores, levantando os motivos pelos quais, mesmo frequentando a escola, muitas crianças permanecem analfabetas ou se tornem analfabetas funcionais. A autora faz reflexões sobre a centralização dos processos de alfabetização apenas em aspectos cotidianos dos alunos, bem como sobre a importância da memorização e dos recursos *mnemônicos* na apropriação da língua escrita, entre outros pontos. Carvalho (2024) se propõe então a *formular orientações de encaminhamentos didáticos para o ensino da língua escrita no primeiro ano do ensino fundamental, tendo como base a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica*. Para alcançar esses objetivos, a autora adota o materialismo histórico-dialético como base metodológica e organiza sua pesquisa em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Alfabetização no Brasil: dados oficiais, métodos e teorias”, Carvalho (2024) tece um panorama da alfabetização no país, realizando, com base em pesquisas, uma linha temporal das ideias pedagógicas. Além disso, traz os dados da alfabetização, com base em indicadores apresentados pelas seguintes fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e do Indicador Criança Alfabetizada, além de dados de pesquisas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com dados, principalmente, da última década.

A autora conclui, em suas análises que, embora tenham ocorrido pequenas mudanças e aumento nas taxas de alfabetização, o desafio para a educação ainda persiste, tendo em vista diferenças em relação ao gênero, etnia, região e classes sociais na apropriação da língua escrita.

Ainda no mesmo capítulo, Carvalho (2024) organiza um Mapa Conceitual dos métodos e teorias de alfabetização do Brasil. Ela destaca, entre as produções metodológicas e conceituais para o ensino do sistema de escrita alfabético: Pedagogia Tradicional (métodos sintéticos e analíticos); Behaviorismo (método fônico); Pedagogia Nova (método misto); Construtivismo (Emília Ferreiro – psicogênese da língua escrita e desmetodização);

Interacionismo (Smolka – alfabetização como processo discursivo); Pedagogia Libertadora (Paulo Freire – leitura de mundo, palavra geradora) e Magda Soares (alfabetização e letramento). Por meio dos conceitos apresentados, a autora demonstra os problemas enfrentados pela alfabetização no Brasil, tais como acesso, permanência e formação docente, além das produções que buscaram sanar as fragilidades do processo de apropriação da língua escrita, com destaque para Freire, Soares e Smolka.

O segundo capítulo, “Alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: análise e síntese de uma construção coletiva”, Carvalho (2024) relaciona a Psicologia Histórico-Cultural, desenvolvida pelo psicólogo russo Lev Vigotski e seus colaboradores, com a Pedagogia Histórico-Crítica. Nas páginas seguintes, a autora compartilha os caminhos já percorridos pela Pedagogia Histórico-Crítica na área da alfabetização, apontando que, apesar das pesquisas significativas, ainda há grandes lacunas que ela espera serem preenchidas em futuras pesquisas. Carvalho (2024, p. 128) considera que,

apesar dos avanços alcançados pelas pesquisas sintetizadas anteriormente, ainda há muitos aspectos da alfabetização sobre o enfoque histórico-crítico que urgem ser pesquisados. Como vimos, a primeira pesquisa sobre alfabetização na pedagogia histórico-crítica foi finalizada em 2003, deste modo, passaram-se apenas dezesseis anos até o fechamento dessa pesquisa sendo, do ponto de vista histórico, pouquíssimo tempo para consolidação de uma teoria histórico-crítica alfabetizadora.

Entre as lacunas para os anos iniciais apresentadas pela autora, destacam-se: o currículo para o ensino da leitura e da escrita, linguagem oral, ensino da caligrafia, ensino das relações *grafofônicas*, ensino da produção textual, gramática e leitura, critérios para seleção de gêneros textuais, organização de ensino, importância da memorização, ensino da língua escrita para crianças público-alvo da educação especial, bem como avaliação da escrita e da leitura. Além disso, Carvalho (2024) ressalta a importância da formação inicial e continuada de professores, destacando que “não há receita, livro didático ou apostila que supra a frágil formação dos professores. Deste modo, os melhores recursos didáticos podem ser comprados, no entanto, para usá-los de maneira eficaz precisamos também dos professores com as melhores formações” (p. 145). Nesse sentido, a autora não busca culpabilizar os professores, mas valorizá-los à medida que mostra a importância desse profissional na alfabetização, que não pode ser delegada a outras pessoas que não o docente com formação específica para tal.

No capítulo 3, “Alfabetização no 1º ano do ensino fundamental: a organização do processo de ensino e aprendizagem”, Carvalho (2024) busca estudar o desenvolvimento psíquico dos alunos do 1º ano, sugerir possibilidades didáticas para o ensino da língua escrita e propor uma forma de organização desse ensino nessa etapa do ensino fundamental.

A autora faz uma reflexão sobre a transição entre o jogo de papéis e a atividade de estudo, apontando como esse processo permeia o desenvolvimento psíquico dos alunos do 1º ano. Ela destaca que, nesse período, a criança se encontra numa fase de transição entre a idade pré-escolar e a idade escolar, e por isso é fundamental reconhecer as características próprias desse momento. Defende ainda que um bom ensino culmina numa aprendizagem que promove o desenvolvimento, destacando que a atividade principal, ou dominante, não é aquela a que o aluno dedica mais tempo, mas sim aquela que serve de base para outras aprendizagens, na qual o sujeito realmente se desenvolve.

Nesse contexto, Carvalho (2024), com base na Psicologia Histórico-Cultural, defende que o engajamento do aluno pode ocorrer por dois tipos de motivos: os compreensíveis, que são externos, e os verdadeiramente eficazes, que é quando os conteúdos escolares fazem sentido – não superficialmente – para a criança e despertam nela a vontade de aprender. A autora apresenta, então, algumas características das idades pré-escolar e escolar, mostrando de que forma o professor pode criar e ampliar motivos para o estudo nos alunos dos anos iniciais.

Carvalho (2024) destaca estudos que tratam da relação entre os conteúdos da linguagem oral e escrita na Educação Infantil e da importância da oralidade nessa etapa da Educação Básica. Além disso, aponta especificidades dessa faixa etária, ressaltando, entre outros aspectos, a importância do trabalho com a consciência fonológica desde a Educação Infantil e a ideia de símbolo. A autora explora os níveis da consciência fonológica, os requisitos necessários para a alfabetização e exemplifica com atividades que podem ocorrer tanto no contexto dos jogos e brincadeiras quanto em folhas estruturadas, sempre planejadas intencionalmente pelo professor.

Essas atividades, como defendido pela autora no decorrer do livro, preferencialmente devem ter como base a literatura, compreendida como uma expressão cultural mais elaborada, à qual muitas crianças não têm acesso no cotidiano e só irão conhecer na escola. Ela apresenta exemplos de propostas com rimas, aliterações e jogos de linguagem voltados

para o desenvolvimento da consciência fonológica e para a formação da criança que está iniciando seu processo de apropriação da leitura e da escrita. A autora demonstra que as pesquisas sob uma perspectiva crítica, com base no pensamento vigotskiano e luriano, defendem a palavra como a menor unidade da língua que é proveniente de significado, ou seja, a menor unidade de sentido. Ela reconhece que há aproximações entre esse pensamento e o método fônico, mas que uma proposição histórico-crítica vai além: defende que a palavra precisa estar inserida num contexto significativo para o aluno, que não apenas será decodificada, pois está sempre atrelada ao aspecto semântico. Além disso, sustenta que esse contexto deve ser ampliado *a partir* da realidade da criança.

Nas considerações finais, a autora reafirma a centralidade do papel do professor na alfabetização. Destaca que a língua escrita é um saber fundamental para a apropriação dos demais conhecimentos escolares e que a alfabetização histórico-crítica vem avançando cientificamente e se reafirmando como uma proposta que representa um passo significativo no caminho da cultura e da liberdade humana.

Dessa forma, a obra de Carvalho (2024) se mostra uma contribuição valiosa tanto para o campo das pesquisas em alfabetização quanto para os professores que, assim como a própria autora, já sentiram ou ainda sentem a angústia em buscar saber, de fato, como alfabetizar. Deste modo, na obra, ao articular fundamentos teóricos com propostas didáticas concretas, a autora oferece caminhos possíveis para aqueles que buscam uma prática coerente com os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural. Mais do que um manual, o livro é um convite à reflexão, à formação contínua e à valorização da docência como prática intencional, planejada e comprometida com o pleno desenvolvimento das crianças em processo de apropriação da língua escrita.

Referências

CARVALHO, Bruna. **Ensinar e Aprender a Língua Escrita: reflexões didáticas à luz do enfoque histórico crítico**. Curitiba: CRV, 2024.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília.; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (1ª ed. 1983).

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 12. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021. (1ª ed. 1991).

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

Sobre as autoras

Karine Madalena Martins

Mestranda em Educação pela UNISUL, na linha “Educação, História e Política”. Graduada em Pedagogia (2018) e especialista em Educação Inclusiva pela UDESC (2020). Integra o GEPPHAE/UNISUL, com pesquisas sobre alfabetização. Professora efetiva da SED/SC, atua nos Anos Iniciais, especialmente no Ciclo Alfabetizador. Pesquisa temas relacionados à alfabetização, educação inclusiva, história da educação e políticas educacionais, com foco na prática docente e na escola pública.

E-mail: karinemadalenam@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1252-9059>

Maria Sirlene Pereira Schlickmann

Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem pela UNISUL, onde realiza pós-doutorado. Especialista em Fundamentos da Educação (UNESC) e Pedagoga pela UNISUL. Professora do PPGE/UNISUL. Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, História e Alfabetização, integrante do AlfaRede e do projeto Retratos da Alfabetização no Pós-Pandemia. Colabora com o Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita e com pesquisadores da Universidade de Aveiro.

E-mail: maria.schlickmann@animaeducacao.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7321-3280>

Recebido em: 26/06/2025

Aceito para publicação em: 30/06/2025